

Quando o encontro acontece...

Maria Cecília Pereira da Silva¹, São Paulo

RESUMO: Neste trabalho compartilho minha família analítica: autores que tem favorecido a ampliação de minha escuta analítica para que o encontro emocional entre paciente e analista aconteça. Ilustro com várias vinhetas clínicas.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, encontro emocional, intimidade, vínculos, constituição do psiquismo.

Para refletir sobre os caminhos que promovem o encontro emocional, compartilho minha família analítica (Bolognini, 2008). Além dos pais e avós Freud, Klein, Bion, Anna Freud e Winnicott, vários familiares contemporâneos enriquecem meus pensamentos clínicos, ampliando a compreensão dos estados primitivos de mente. Nesse sentido Bick (1964,1967) contribui com seus conceitos de objeto ótimo e pele psíquica (identificação adesiva), Meltzer (1975, 1979) com a beleza do objeto e o conflito estético e os conceitos de relação de intimidade e desmantelamento (uni, bi, tri e tetradimensionalidade), Lebovici (1991, 1993) com a árvore da vida e os fenômenos inter e transgeracionais e Marie-Rose Moro (2015) com os ingredientes transculturais na clínica da parentalidade. Anne Alvarez (1994, 2012) enriquece minha escuta com suas ideias sobre os níveis de interpretação e a questão da reclamação, neutralidade, idealização... e Antonino Ferro (1995, 2000) com suas contribuições sobre a construção narrativa contribuiu para minha proposta de função narrativa

1. Psicanalista, membro efetivo, analista didata, analista de criança e adolescente e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). PhD em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Coordenadora da Clínica 0 a 3 – Relações iniciais pais-bebê e da Clínica transcultural do Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPSP. Membro do GPA- Grupo Prisma de Psicanálise e Autismo. Membro do Rieppi - Rede Internacional de Estudos sobre a Psicanálise e a Psicopatologia do Infans e do Inspira - *International Symposium for Psychoanalytic Research on Autistic Disorders*.

do analista na reconstituição de tecidos psíquicos esgarçados pelos traumas precoces. Ferro também amplia a teoria da técnica com as interpretações brandas ou insaturadas (Silva, 2016). Mais recentemente Roussillon, Victor Guerra, Stern, Golse e Régine Prat participam dessa grande família. Descrevo algumas vinhetas para mostrar a forma como a clínica da primeira infância e os estados arcaicos de mente aparecem em meu trabalho clínico.

Como se constitui o psiquismo?

Acredito que o sujeito nasce antes mesmo de ser concebido, nasce quando o desejo de ter um filho se constrói na mente dos pais. Existe uma lenda africana na qual a arte da verdadeira intimidade, e que podemos chamar de vínculo, é forjada antes do nascimento. Diz a lenda que a data de nascimento é aquela em que a mãe cria a música do bebê. Depois ela ensina ao pai e ao som desta música fazem amor convidando o bebê a se juntar a eles.

A história dos pais, a escolha do nome do bebê e o ambiente em que este bebê chega, fazem parte da constituição psíquica do bebê. Assim se faz presente o bebê fantasmático, narcísico, imaginário, real e cultural, e toda a gama de fenômenos inter e transgeracionais (identificações mórbidas, projeções parentais e o bebê como receptáculo dessas projeções) (Lebovici, 1991,1993; Silva, 2007).

O estabelecimento de uma ligação emocional intensa, rica e profunda, uma relação de intimidade (Meltzer, 1982/1984), tem como qualidade ser “delimitada pela atenção seletiva”, ser um lugar confortável protegido de “toda estimulação irrelevante que emana do interior do corpo” e ser um lugar de exclusividade. Depende da capacidade de *rêverie* e de continência (Bion, 1962/1990) do cuidador, pois o objeto da relação íntima é o objeto continente. Esta relação de intimidade está na base da constituição do psiquismo e é a fonte de nossa capacidade amorosa e de continência de nossas experiências emocionais para nos tornarmos seres humanos capazes de ter intimidade com os outros e preocupados com o bem-estar deles.

Bick, nesse mesmo sentido, assinala que para a constituição de seu

psiquismo, o bebê necessita de um objeto continente, um *objeto (contenente) ótimo*, ou seja, como “*o mamilo-na-boca*” *juntamente com a mãe que segura a criança, fala com ela e tem um cheiro familiar* (Bick, 1967, p. 195). Assim será possível construir uma pele psíquica e vir a introjetar um objeto continente que irá sustentar a coesão das partes do ego, como um envelope protetor.

Conversando com a clínica...

A primeira vinheta que apresento é de um garoto de 10 anos que me dizia que não sentia saudades. Ele nascera sem o diafragma e ficara na UTI entre a vida e a morte por quarenta dias. Quando veio para análise tinha fortes dores abdominais. Um dia ele chegou ao consultório e na sala de espera tocava uma música de Roberto Carlos: “Olha dentro dos meus olhos / Vê quanta tristeza de chorar por ti, por ti / Olha eu já não podia mais viver sozinho / E por isso eu estou aqui / De saudades eu chorei e até pensei que ia morrer / Juro que eu não sabia que viver sem ti eu não poderia” (*E Por Isso Estou Aqui*, Roberto Carlos).

Convido-o a entrar e, nesta passagem, ele me pergunta: “...*está ouvindo? Pra quem sentir saudades, esse cara cantando parece que está chorando, sentir saudades pra quem?*” Então pudemos conversar sobre seus momentos iniciais de vida e *que talvez ele tenha sentido tanta, tanta falta de sua mãe no hospital ou daquele lugar quentinho que vivera antes de nascer, que até pensou que ia morrer. E aí ficou achando que não valia a pena sentir essas coisas*. Essas emoções tão fortes e sem palavras, que aos poucos fomos resignificando, têm permitido que ele possa elaborar as situações traumáticas iniciais e experimentar a gama de sentimentos que a vida nos oferece, em um momento em que seu coração ainda está permeável a transformações e a novas experiências afetivas (Silva, 2017a).

Amelie, uma mulher de quarenta e poucos anos, charmosa e interessante, sem consciência de seu desamparo emocional, carregava em seu corpo de coluna sinuosa, sua dor infantil e dela se defendia com muita

competência intelectual e com sua arte de seduzir, distanciando-se de qualquer sofrimento mais genuíno e profundo. Desde muito jovem se tornou uma excelente profissional, o que tem lhe permitido uma condição econômica para “não tem que depender de ninguém”.

Nas primeiras sessões, Amelie se apresentou com uma postura altiva e um discurso lógico e racional, guiada por um superego moralista (que eu associava com a imagem de uma armadura/couraçada psíquica), mas logo deixou transparecer um aspecto emocional mais primitivo que me sugeria um sentimento de fragilidade e desamparo, e assim como surgia logo se desvanecia.

Chorava desesperadamente como se não imaginasse que poderia encontrar ali consigo algum alívio para o seu sofrimento. Chorava vitimizandose, descrevendo um marido egoísta e algoz que a traía quando nascera seu último bebê. Embora Amelie conseguisse viver por alguns períodos uma vida mais integrada, com seu marido e filhos, não a sustentava por muito tempo buscando relações diádicas, ilusórias, apaixonadas e narcísicas, em que não tolerava o terceiro (não podia nem mesmo perceber o outro). Ora se utilizava de um funcionamento sadomasoquista para aliviar culpas de uma situação edípica insolúvel, ora se escondia em uma dinâmica narcísica criando um mundo idealizado que jamais a satisfazia, encobrendo aspectos muito primitivos de quem não pôde viver a intimidade e a dependência primordial.

Há uma cena de sua infância que chamou minha atenção e que encontrou várias vertentes interpretativas durante o processo de análise.

Quando pequena, costumava se esconder nos assentos das cadeiras da sala de jantar, sob o tampo da mesa, e sua mãe demorava para encontrá-la. Essa cena retorna à sessão ora com a conotação de um desejo de ser encontrada por mim (refazendo o trauma precoce de se sentir abandonada pela mãe, ligada a situação edípica), ora com um desejo sádico de me deixar enredada em seu discurso defensivo como o réu prestes a ser preso.

Num primeiro momento tomei essa cena como expressão de seu desamparo infantil e como defesa à dependência afetiva. *Será que você*

esconde sua tristeza embaixo da mesa e tem esperança de que eu a encontre? Espera que eu te ache ou te deixe lá? Nesses momentos emprestava minha capacidade reflexiva/depressiva, com esperança de a encontrar.

Mais tarde aponte o aspecto sádico e perverso dessa defesa à dependência emocional do objeto primário e à impossibilidade de amar ou entrar em contato com seu sentimento amoroso. Esta cena me fazia pensar em quão doloroso e ameaçador deve ter sido perceber suas necessidades não atendidas pelo outro/mãe/cuidador, despertando suas defesas de controle, triunfo e desprezo (Klein, 1946). Em nosso percurso analítico o ódio à necessidade/dependência surge a cada momento de intimidade e aproximação, diante do inevitável sentimento de abandono e rejeição ao se deparar com a percepção do outro fora de seu controle e separado de si mesma, própria da separação.

Um dia ela chegou me contando que teve muitas brigas com o marido. Ele viajou e, então, ela marcou de se encontrar com o Beto/amante no dia seguinte. *“Ele está louco para me ver, fala que eu sou a mulher da vida dele, que o casamento acabou e quer ficar comigo. Sabe, ele me faz me sentir protegida, me acha o máximo... é tão bom isso”*.

Após o impacto dessa comunicação, escolho abordar esse encontro a partir da fantasia de poder encontrar um lugar idealizado, sem frustração e só de prazer. Vou conversando com ela sobre as diversas responsabilidades que envolvem seu dia a dia. Não só a profissional, que é muito pesada, mas com os filhos, a casa, que parece que é tanta coisa que ela *imagina que exista um lugarzinho, meio Shangrilá, um paraíso onde ela possa viver só coisas boas, só duas pessoas, só amor... e diante das tensões talvez seja isso que ela imagina que vai encontrar nesse encontro com o Beto...*

Ela então me diz: *“é isso mesmo Cecília, eu sei que não é verdade, e nem é tão bom a transa assim, com meu marido é sempre melhor, e quando estava separada Beto me deixou na mão, eu sei que é um papo sedutor, mas...”*

Na sessão seguinte ela chega triste, reflexiva, e me diz que desmarcou o encontro...

Falar da ilusão do reencontro (ou do encontro que nunca existiu) com a relação diádica, parece que permitiu que a fantasia pudesse ser só fantasia e facilitou encontrar recursos para tolerar as frustrações diante da alteridade. Amelie então tem podido viver uma relação dialética entre as posições esquizoparanóide e depressiva, em que pode considerar a desilusão diante de suas fantasias onipotentes, ampliar sua capacidade reflexiva, encontrar lugar para sua fragilidade e desamparo, e se deparar com a dependência do objeto (Silva, 2017a).

Com Beto, um menininho de 2 anos com vários indicadores de risco (Silva 2013; Lisondo et all, 2017), vivi uma cena emocionante que ilustra esta intimidade nascente e a transformação do estado de retraimento, de um tempo sem palavras (Roussillon, 2015).

Ele chegou entusiasmado para nosso encontro. Foi direto para a casinha e pegou os bebês, assim como outros bichinhos ou os bebês da casinha. Todos subiam as escadas e caiam, ora do telhado, ora do segundo andar, ora do terraço. Tudo se desmantelava como expressão de seu sofrimento psíquico.

Durante esses movimentos fui narrando (Silva, 2016) de uma forma muito simples: *sobe...sobe...ora o bebê, ora o gatinho, ora o menino... e tibumba... Ahhhh caiu...* depois tudo se repetia e eu diante de cada degrau da escada narrava: *sobe... sobe... 1, 2, 3, 4...* Por vezes ele repetia um som semelhante ao dos números, e quando caía, eu dizia: *tibumba... caiu... ahhh caiu...*

Assim, fui oferecendo interpretações onomatopeicas (Prat, 2022), pequenas palavras, que falam de ansiedades muito primitivas (quebra, rasgamento, queda, explosão, afogamento, desaparecimento...) como uma criação intermediária entre o som e a palavra.

Em um dado momento, Beto se deteve nos bebês e repetidamente deixava-os cair da casinha. Então, eu narrava novamente: *o bebê está subindo a escada, 1, 2, 3, 4, 5... subiu e tibumba, caiu. Ahhhhh caiu. Fez dodói? Deixa eu cuidar do bebê.* Enquanto cuidava cantando cantigas de ninar, ele repetia o mesmo movimento com o outro bebê da casinha. Ele olhava

para mim e pegava o bebê que eu estava ninando da minha mão, eu o devolvia, para tudo se repetir.

Se no início, quando tudo se desmantelava, Beto vivia uma situação para além do desespero, onde não se encontrava mais a esperança de encontrar um objeto que atendesse a suas necessidades emocionais e eu rastreava um fio de esperança, buscando um sinal de mente, um sinal de relação, de contato de seu interesse ou curiosidade, nessa sessão esses sentimentos se desfazem.

Nesse momento, eu inventava uma forma de me comunicar com ele (Silva, 2015, 2017b), adaptando-me ao seu próprio modo de expressão e funcionamento psíquico, usando as suas próprias modalidades de simbolização, de tal forma que ele pudesse absorver algo mais familiar. Buscava um lugar intermediário entre a representação de palavra e a representação de coisa, porque o som da palavra criada, imitando o da coisa, permite uma experiência de compartilhamento, que abrirá a possibilidade para um espaço tridimensional.

Depois propus uma variação. Com o bebê em minha mão, eu o acariciava e cantava. E com a mesma entonação ao ver o bebê caindo dizia: *ai, ai, ai como é que vamos cuidar do bebê?* E ninava cada um deles. Eu estava muito sintonizada com o clima emocional que Beto ia encenando, imaginando-o no início de sua vida, na mesma posição desse bebê em uma experiência de abandono e de não-integração (Winnicott, 1988).

Então passei a chamar o bebê de Beto e dizia: *Ahhh o Beto caiu, vem cá Beto* (pegando o bebê em minha mão) *eu vou cuidar de você... ahhh você caiu... Sabe Beto, a Cecília está aqui e vai cuidar de você, não vou deixar você sozinho...* E também cantei as músicas para embalar esse bebê que a todo momento desmoronava da casinha. Ele olhou para mim com aquela sensação de ter realizado uma experiência emocional de um tempo sem palavras. Então, ele novamente olhou para mim e ele me abraçou e se aconchegou em meu colo. A partir desse encontro emocional, com Beto aconchegado em mim, eu me emocionei ao nomear vivências tão primitivas ligando o cair ao sentimento de se sentir abandonado: Beto é o

bebê que cai e que preciso ajudar por meio de uma reconstrução histórica, colocando-o em contato com o abandono experimentado lá no início de sua vida e me oferecendo como um objeto vivo e continente (Silva, 2016, 2021).

Já no trabalho com Daniel, um menino de 8 anos severamente carente, vulnerável e com privações precoces, pude observar o aparecimento de objetos ideais não como uma defesa resistente ou evasiva contra a depressão, mas como uma conquista em termos de desenvolvimento (Silva, 2005).

Quando encaminhado falava palavrões, ameaçava com faca, sem limites. Fazia brincadeiras sexuais descontrolada e agressivamente. Com um mês fora deixado no hospital pela mãe ao saber que era portador do vírus HIV. Depois de 8 meses de abandono foi encaminhado para uma Associação. Lá chegando seu corpo estava enrijecido, não se mexia, somente seus olhos arregalados buscavam reconhecer o ambiente. Aos 2 anos, após fisioterapia, tinha se recuperado.

Em uma sessão conversamos sobre o Pinóquio e o Tarzan, dois personagens das histórias infantis que não tiveram mães. Assim D. pôde recontar e representar simbolicamente sua história.

Ao chegar me contou que agora era jogador de basquete. Estava treinando muito e seu time tinha ganho uma taça enorme e ele foi carregado com a taça na mão. Depois me contou que no futebol ele estava ótimo, que na escola agora tinha aula até as 3 horas da tarde numa turma da 4º série em que ele tinha que escrever textos muito longos.

Fico surpresa e digo que ele precisava criar um mundo mágico em que ele era muito poderoso e era um vencedor, para conquistar minha admiração. Talvez sentisse medo de que se ele não fosse assim, eu não me interessaria por ele.

Então ele me chamou para ver um zepelim pela janela. Olhou encantado para o dirigível procurando desvendar esse objeto voador e me disse: *“Parece uma baleia. A baleia é grande assim, Cecilia?”*

Digo que sim e me recordei da história do Pinóquio associada a sua

necessidade de “inventar-mentir” e comecei a lhe contar esse conto infantil. Terminei o conto dizendo que o Pinóquio achava que já era grande e que sabia de tudo. Mas quando foi parar na barriga da baleia, ficou muito assustado e aprendeu a lição. Gepeto fez de tudo para salvá-lo, Pinóquio quase morreu afogado. Mas de tanto que o Gepeto o amava, um dia a fada o transformou em um menino de verdade.

D. ouviu-me com muita atenção. Brincou com o lápis colocando-o em seu nariz imitando o do Pinóquio. Depois escolheu brincar com a família de onças e a família de bonecos. Disse para eu ficar quieta e foi construindo uma história. Num primeiro momento ele era um menino que dizia para o pai, a mãe e a irmã: *“fiquem aí que eu vou salvar vocês das onças”*. E ele se tornou um Tarzan que subia no cipó (fio da cortina) e lutava contra a família de onças. Fez muitos sons e malabarismos e num dado momento ele disse: Agora ele já é grande. Então, ele abraçou o avô com muito carinho, mas a luta contra as onças continuou. Num outro momento ele se tornou um bebê que ficava no colo da mãe.

Depois de toda essa luta ele disse: você não quer falar nada?

Então eu lhe disse: Você está me contando uma história de um menino que vive num mundo muito selvagem e que tem que ser muito forte, tem que crescer e ser grande rápido para lutar e proteger todo mundo. É um mundo muito perigoso.

Ele concordou: o mundo é mesmo muito perigoso e eu tenho que usar muito a força...

Eu lhe disse: É, mas não é só pela força que a gente consegue as coisas; aqui comigo isso não tem sido necessário...

Ele então retrucou: Ah! Cecília, mas você é diferente...

Assim, fui oferecendo pequenos incrementos na idealização, pois sua capacidade para manter a esperança viva estava comprometida e eu não queria confrontá-lo com constantes lembretes sobre o desespero e a ansiedade que ele estava tentando superar. Ele necessitava viver na análise situações de estados ideais e de asseguramento potente para depois ser capaz de lidar com seus próprios impulsos destrutivos e tornar-se menos

impelido a projetá-los, e se tornar capaz de integrar aspectos bons e maus do próprio *self* e do objeto e vir a transformar sua destrutividade em uma agressividade favorável à vida (Alvarez, 1994a; Bégoïn, 1993).

Hoje nos deparamos com vários pacientes em que a constituição do psiquismo vai depender de nos ocuparmos mais com a construção de um continente do que com os conteúdos do pensamento, ou seja, mais com o aparelho necessário para poder pensá-los, conforme definiu Bion. Segundo Ferro (1995) “isso inverte toda e qualquer aproximação com o paciente (e com as partes psicóticas de cada paciente), porque não mais estará em jogo o trabalho sobre a repressão (Freud) ou sobre a cisão (Klein), mas será necessário um trabalho em direção à fonte: *aquele sobre o ‘lugar’ para pensar os pensamentos, sobre o continente antes que sobre o conteúdo*” (p. 27).

Com esses pacientes minha escuta se volta mais para o trabalho de transformação das identificações projetivas do paciente do que para a atividade interpretativa decodificadora (Ferro, 1995).

Lucas é um menino esperto e divertido, tem um olhar vivo e curioso, e é tão sagaz que por vezes chega a ser desconcertante. Ao mesmo tempo, possui uma grande dificuldade para lidar com sua impulsividade e é muito vulnerável às separações. A mãe me diz: *Quando Lucas é frustrado, ele tem reações muito explosivas, ataques de raiva homéricos e nesses momentos treme, fala baixo, não consegue segurar sua raiva e me bate.*

Um dia Lucas chega pedindo para eu lhe contar o que havíamos feito na última sessão. Recordei-lhe que a gente tinha brincado de caminha e de cuca, e que ele bebia água. Que a gente fez cabana e ele fez pizza. Enquanto isso ele se volta para sua caixa, abre e pega as arminhas de palito. Continuo dizendo que no final tivemos uma conversa sobre as arminhas de palito. Ele novamente começa a me pedir uma cópia daquelas arminhas, de uma forma mais desafiadora, como se estivesse testando se eu manteria ou não o nosso combinado. Com Lucas, passei a assumir uma atitude de neutralidade fortificada, manter a distância para pensar e guardar em minha mente o registro de nossas experiências, o que por sua vez tem permitido

que Lucas construa um continente para suas fantasias adquirirem representação (Alvarez, 1985).

Repito o que havia dito na outra sessão, discriminando que há coisas específicas de nossa relação. Ele logo se levanta, parece satisfeito com a minha resposta, pega a almofada, senta-se no meu colo e esconde meu rosto e brincamos que eu sumi: Cadê a Cecília...e ele me acha. Depois faço o mesmo com ele, mas ele começa a me bater de leve e fala num tom bem autoritário:

L - Fecha o bico.

Depois me bate de novo e vou falando pausadamente:

C – Você está feliz de me ter de volta... mas você está me batendo... é, a gente não se encontrou ontem... mas eu estava aqui... não sumi... não me esqueci de você nem de tudo que fizemos juntos...

Ele pega a moringa e bebe a água. Desce do meu colo, pega as peças de um jogo de ligue-ligue e monta um braço mecânico.

L - Vamos brincar de demolição? Eu sou o demolidor do bem e você é o demolidor do mal. Eu vou ser o demolidor do bem que tem este braço de demolição. Ele faz muitos sons e começa a lutar, dar socos de faz-de-conta em mim e eu nele. Ele segura as minhas mãos e me dá um choque, eu fico tremendo e ele reafirma que está cheio de armas. Ele vai narrando o que eu deveria falar e fazer e vai encenando o papel do demolidor. Então, ele para, abre as cortinas e fica reflexivo brincando com fios da cortina. Depois ele pega uma roldana com um cordão muito longo e começa a enrolar o fio na roldana de um jeito muito concentrado e introvertido.

L – Quer brincar comigo? Vamos brincar de escalar? (Enrola o cordão no trinco da porta, no trinco da janela e no pendurador de toalha).

C – Agora está tudo bem preso e bem ligado, assim como o Lucas e a Cecília.

Ele pega a almofada, coloca em baixo do fio, depois coloca o banquinho e o cobertor cobrindo tudo.

L – Olha que legal! Fiz uma toca!

C – Um cantinho protegido para nós dois.

L – Olha é um varal! Olha o meu quintal! É a minha toca, minha casinha, minha cabana.

Ele está realmente feliz e orgulhoso com o que ele acabou de construir.

L – Você gostou da minha cabana e do meu quintal?

Digo que gostei e ele me convida para brincar com ele. Devo ir visitá-lo. Ele prepara um piquenique para o passeio na cachoeira do quintal. Vamos? Passeamos, vimos a cachoeira.

Já estávamos no final da sessão. O clima era de um sonho a dois, opto por lhe dizer baixinho que era hora de terminar e ele responde ao pé de meu ouvido:

L – Está na hora de eu ir embora? Hoje a gente brincou de verdade, né Maria Cecília? Adorei fazer a cabana com o varal.

C – É Lucas, hoje a gente brincou de verdade... e nós dois tínhamos a força do bem e do mal...

Essa análise gira em torno da angústia de perda da continuidade da relação e do alívio que ele sente de encontrar em mim o registro da nossa história, de perceber que ele permanece em minha mente e que pode recorrer a mim para encontrar suas coisas. Minha função de ser guardião da nossa história e daquela que mantém o vínculo, tem sido fundamental. Quando ele me reencontra e eu o relembro o que fizemos na sessão anterior, ele vai construindo a confiança em mim como a depositária de nossa história a dois. Assim, tenho sido o fio que tece a narrativa (Silva, 2016) dessa análise. Então, além de construir um continente e manter um continente firme, flexível e receptivo, a constância do objeto tem sido fundamental nesse processo analítico (Silva, 2006).

Lara iniciou sua análise, com 1 ano e 5 meses, logo após o nascimento de seu irmão, quando apresentou um retraimento expressivo (Pereira da Silva, 2021; Batistelli, & Amorim, (Orgs.), 2014) .

Estava em análise, há um ano, com três sessões semanais, quando chegou a pandemia. Os atendimentos passaram a ser no quarto dela junto com a babá, uma ótima coterapeuta. Nas primeiras sessões *on-line*, como uma espécie de ponte, reapresentava na tela os brinquedos de sua caixa,

velhos conhecidos de nossos encontros. Aos poucos, porém, passei a brincar com o que tinha em nosso novo *setting*. Geralmente sua babá preparava o novo *setting* com uma casinha cheia de móveis, bonequinhos de Playmobil, animais da fazendinha, às vezes com massinha, papel e lápis de cor e/ou quebra-cabeça...

Pedi para que fossem os mesmos, mas nem sempre foi possível.

No trabalho *on-line*, utilizei ao máximo minha capacidade narrativa e de dramatização, amplificando meus movimentos faciais, minha voz e até mesmo os brinquedos utilizados. Depois de um período introduzi fantoches grandes para interagirmos na tela, procurando convocá-la para o novo, o inesperado, algo que a surpreendesse. Foi assim que surgiu o porco.

Porco-corpo que na língua portuguesa caracteriza um anagrama, foi introduzido na análise de Lara como uma ligação com seu brinquedo preferido a *pepa pig* e, ao mesmo tempo, como o corpo/analista convocando-a para a relação com um objeto vivo.

Com a dramatização que começou a ser encenada na tela em que o porco sumia e aparecia, como o *'fort-da'* do netinho de Freud (1905, 1924), o cenário analítico foi ganhando ludicidade quando brincávamos de dar comidinha ou jogávamos bola através da tela, e nossa troca intersubjetiva foi surgindo com um senso de agência se amplificando.

Após algumas sessões com o porco-corpo, Lara me encontra na tela de outra forma. Ela me reencontra e me reconhece com vivacidade e com um olhar cintilante.

Brincamos de esconde-esconde e de pega-pega. É esperançoso observar o trabalho *on-line* ganhando dimensões tridimensionais, com corpo, espaço e divertimento, pois agora já é possível um brincar compartilhado.

Então, ela descobre que pode mexer na tela, ligar e desligar a câmera, desligar o próprio celular: ela comanda nosso encontro. Ela ri e se regozija!!! Lara some e aparece na tela. Eu também. E ela se sente potente! Finalmente ela me descobriu, o face a face se estabeleceu, o belo e o encontro com o objeto estético (Meltzer; Harris, 1988) se deram, chorei ao viver essa cena! Curiosamente o porco-corpo deu volume a nossa relação,

favorecendo uma dimensão tridimensional e intersubjetiva ao encontro analítico.

Após um intervalo de 3 meses *on-line*, reencontro Lara no consultório. Quando a chamo na sala de espera, ela me olha com aquele olhar cintilante, se despede da babá e entra rapidamente. Tira o tênis e vai direto para a casinha. Reencontra a bola, depois o pato na lagoa e os ursinhos com os bebês e nomeia-os, falando bem baixinho, quase sussurrando. Cantarola na frente do laguinho e reconheço a melodia, já não encontro aquela menina retraída. Fico encantada ao vê-la encenar e colocar palavras em nossa narrativa com os bonequinhos de Playmobil na casinha.

Com alguns de nossos pacientes precisamos despertá-los para o fato de que a alteridade pode ser interessante! Pergunto-me se a distância proporcionada pela tela não foi um facilitador para que esse momento pudesse eclodir, em que a presença e o encontro com o objeto fossem toleráveis. De qualquer forma, com Lara, assim tem sido possível transpor seus estados de retraimento e alcançarmos um encontro intersubjetivo com trocas compartilhadas.

Algumas considerações

A clínica e a escuta da primeiríssima infância, ampliada por minha experiência com seminários de observação de bebês (Bick, 1964) e no atendimento de pais-bebês, trazem contribuições importantes para construirmos ferramentas mais refinadas na compreensão de neuroses graves, especialmente dos sofrimentos psíquicos característicos dos chamados casos-limite, que envolvem questões narcísicas e identitárias, e impedem o desenvolvimento de um *self* genuíno e da capacidade de amar. Tratam-se de marcas psíquicas deixadas pelas primeiras experiências emocionais que não serão mais lembradas, em virtude da ausência da linguagem verbal, que não chegam a se constituir como memória e como história, ou por sucumbirem ao efeito do recalçamento (Roussillon, 2015; Aragão & Zornig, 2009).

Ao nos debruçarmos sobre a construção dos vínculos iniciais e a relação de dependência emocional, somos mobilizados a nos deparar “com a questão da emergência das primeiras formas de representação simbólica e a considerar que estas se produzem dentro e a partir do modo de encontro com o objeto e de sua presença. O homem nasce com um conjunto de pré-concepções (Bion) sobre o tipo de ambiente humano que vai (deve) encontrar, mas essas pré-concepções são apenas ‘potenciais’ (Winnicott), apenas ‘virtuais’ – sua verdadeira apropriação pressupõe que o sujeito humano encontre certo número de respostas do ambiente primeiro e que certas respostas estejam presentes nos primeiros encontros da vida relacional, sem o que permanecem ‘letra morta’, perdem seu potencial gerativo ou adotam formas ‘degeneradas’ que entram sua integração psíquica” (Roussillon, 2015, p.35).

Sabemos que os fracassos dos primeiros encontros produzem um afeto de ‘decepção narcísica primária’ e mobilizam mecanismos de defesa primitivos nos quais se reconhecem num extremo as primeiras formas de retração da subjetividade em estados autísticos e no outro tentativas de cicatrização por meio de um masoquismo primário exacerbado. Entre as duas, situam-se as formas de processos psicóticos, *borderline*, perversos ou antissociais. A simbolização e os processos de transformações psíquicas repousam sobre a representação-coisa de um objeto maleável (Roussillon, 1988), derivado do encontro com um ambiente materno suficientemente adaptável e transformável para se ajustar às necessidades psíquicas do recém-nascido. Quando esse ambiente se torna rígido, o sujeito fará um esforço para torná-lo maleável, mas quando falha, ele se retira de si mesmo para um *bunker* interno e se protege do encontro com um objeto impossível de conectar (Roussillon, 2015, p. 45).

Para que o encontro aconteça temos que descobrir como a linguagem do adulto toca e afeta a criança bem pequena, o que provavelmente nos ajudará a aperfeiçoar nossa teoria da interpretação, cujo impacto não seria reduzido aos efeitos de seu conteúdo. A interpretação, com sua musicalidade, continência, maleabilidade, ritmo, unida aos aspectos de sua estrutura

continente, mudam todo o resultado, e, assim, favorece a constituição da subjetividade dos pequenos, mas também dos grandes (Silva et All. 2012, Golse, 2018).

WHEN THE MEETING TAKES PLACE...

ABSTRACT: In this work I share my analytic family: authors who have favored the expansion of my listening to the emotional encounter between patient and analyst takes place. Illustrated with several clinical vignettes.

KEYWORDS: psychoanalysis, emotional encounter, intimacy, bonds, constitution of the psyche.

CUANDO SE LLEVA A CABO LA REUNIÓN...

RESUMEN: En este trabajo comparto mi familia analítica: autores que han favorecido la ampliación de mi escucha para que se produzca el encuentro emocional entre paciente y analista. Ilustrado con varias viñetas clínicas.

PALABRAS CLAVE: psicoanálisis, encuentro emocional, intimidad, vínculos, constitución del psiquismo.

REFERÊNCIAS:

Alvarez, A. (1985). The Problem of Neutrality: Some Reflections on the Psychoanalytic Attitude in the Treatment of Borderline and Psychotic Children. *J. Child Psychotherapy*, 1985, Vol..II No. I: 87-103.

Alvarez, A. (1994) *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças com autismo, borderline, carentes e maltratadas*. Tradução Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.

Alvarez, A. (1994b) O Anjo Necessário: A Idealização como um Desenvolvimento, Cap. 9. In *Companhia viva*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Alvarez, A. (2012). Níveis de trabalho analítico e níveis de patologia, In *Livro Anual*, Tomo XXVI, p.173.

Aragão, R. O. &Zornig, S. A. (2009). Clínica da relação pais/bebê: novos paradigmas para a psicanálise? *Pulsional Rev. de Psicanálise*, 22(4).

Batistelli, F. M. V.; Amorim, M. L. G. (Org.). (2014) *Atendimento psicanalítico do autismo*. São Paulo: Zagodoni.

Bégoïn, J. (1993) Significação e interpretação da destrutividade na vida psíquica da criança. In: *RBP*. Vol. 27, nº 3.

Bick, E. (1964). Notes on Infant Observation. *Psycho-analytic Training. IJP.*, 45, pp. 558-66.

Bick, E (1967) A experiência da pele nas relações de objeto arcaicas in *Melanie Klein Hoje* vol 1 Editora Imago Publicado originariamente em *I.J Psycho-Analysis*, 49, 484-6

Bion, W. R. (1962/1990). *Aprendendo de la experiencia*, Buenos Aires: Paidós

Bolognini, S. (2008). *A Empatia Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Ferro, A. (1995) *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

- Ferro, A. (2000). Narrações e interpretações. In *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1924). A Dissolução do Complexo de Édipo. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Golse, B. (2018) *Como a psicanálise de crianças transforma a psicanálise*. FEPAL, Lima, Sessão Plenária.
- Klein, M. (1946). “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (p.17-43). In: *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. 2004.
- Lebovici, S. (1991) Des psychanalystes pratiquent des psychothérapies bébés-parents. *Rev. Franç. Psychanal.*, n. 56, 733-857.
- Lebovici, S. (1993) On intergenerational transmission: From filiation to affiliation. *Infant Mental Health Journal*, v. 14, n. 4, 260-72.
- Lisondo, A. B. D; Batistelli, F.V.; Silva, M.C.P.; Amorim, M. L. G.; França, M. T. B.; Mendes de Almeida, M.; Monteiro, M.H.L.; Coimbra, R.E.L. (2017). Sinais de mudança em autismo: Prisma, um instrumento de pesquisa. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 51 (4), 225-244.
- Meltzer, D. (1975/1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19, (38), p. 40-52.
- Meltzer, D. (1979). *Estados sexuais da mente.*, Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Meltzer, D. (1982/84). La distinction entre les concepts d’identification projective (Klein) et de” contenant contenu “(Bion) trad. D. Houzel A. Maufras du Chatellier et D. Neron, revue par F. Begom-Guignard, *Revue française de psychanalyse*, 2/1984, pp. 551-569.
- Meltzer, D.; Harris, M. W. (1990 [1988]). *La aprehensión de la belleza*, Spatia ed., Bs. As., 1990.
- Mendes Almeida, M. M.; Marconato, M. M., Silva, M. C. P. (2004) Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 38, n. 3, p. 637-648.
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192.
- Roussillon, R. (1988). Le médium malléable, la représentation de la représentation et la pulsion d’emprise. *Revue Belge de Psychanalyse*, 13, pp. 71-87.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 49, no. 1, pp. 33-46.
- Pereira da Silva, M. C. (2021). Como tirar proveito de um mau negócio: controvérsias sobre os laços on-line. *Berggasse* 19, 11(2).
- Prat, R. (2022) Ações interpretativas. In: Silva, M. C. P. (org.) (2022). *Fronteiras da Parentalidade e recursos auxiliares – Pensando a clínica da primeira infância*. Vol. 1 e 2. São Paulo. Ed. Blucher.
- Silva, M. C. P. (1999). Introjção da função analítica: um esboço a partir da clínica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, V. 33, (2), p.267-282.
- Silva, M. C. P. (2002) Um self sem berço: relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 36, n.3, p. 541-565.
- Silva, M. C. P. (2005). O mecanismo de idealização como parte do processo de introjção do objeto bom. *Alter*. v. 24 (1), p.93-105.

- Silva, M. C. P. (2006). Brincar de verdade: um caminho de Lucas. *Jornal de Psicanálise*, V. 39, (71), p.203-221.
- Silva, M. C. P. (2007). *Identificação mórbida: comunicação transgeracional traumatizante. Rev de Psican da SPPA*, V. XIV, nº. 1, pp.137-165, 2007.
- Silva, M. C. P. (2010). A depressão transmitida através da relação de dependência revertida na díade mãe-bebê. *Percurso*. v.44, p.125-132.
- Silva, M. C. P. (2013) Indicadores de risco psíquico e do desenvolvimento infantil: avaliação e intervenção nas relações iniciais pais-bebê. In: Morais, Mauro B., Campos, Sandra O.; Hilário, Maria Odete E. (Ed.). *Pediatria: diagnóstico e tratamento*. Barueri, São Paulo: Manole. p. 105-110.
- Silva, M. C. P. (2016). The Analyst's Narrative Function: Inventing a Possibility. *I J P* 98 (1), 21-38. 2016 Nov 17.
- Silva, M. C. P. (2017a) Funcionamento sadomasoquista: uma blindagem à intimidade. *Berggasse 19*, (VIII) 1, p. 102-119.
- Silva, M. C. P. (2017b). A Caixa Lúdica do Analista - Reflexão sobre novas técnicas na análise de crianças, *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51, pp. 71-88.
- Silva, M. C. P. (2021) Só... Solidão..: fronteiras entre a curva e a reta. *Jornal de Psicanálise*, v. 53, n. 99, p. 137-160, 2020. Este trabalho ganhou o Prêmio de Psicanálise de Criança e Adolescente da Fepal 2020.
- Silva, M. C. P. Mendes de Almeida, M., Barros, I. G. (2012) O investimento subjetivante do analista na clínica dos transtornos autísticos: cenas filmadas de uma intervenção conjunta pais-criança. *RBP*, V. 46, (4), pp.126-136.
- Winnicott, D.W. (1988). Desenvolvimento emocional primitivo. In Winnicott, D.W. *Textos selecionados. Da pediatria à psicanálise* (cap. 12, pp. 269-85). 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1945.)

mcpsilv@gmail.com